

# PONTO DE APOIO

O primeiro pensamento que me atravessou a cabeça quando me falaram no tema de escrita foi “o que tem o c... a ver com as calças?”.

No entanto, fazendo um paralelismo com uma afirmação que faço repetidamente nas minhas aulas, em que afirmo que mesmo só para pensar o homem pode dispensar tudo menos o ponto onde se apoia, lembrei que, por mais kama-sutriana que fosse a posição do amor, sempre haveria a necessidade do tal ponto de apoio e assim se justificaria a presença de um imóvel no acto.

A sabedoria popular diz que para ser feliz basta “amor e uma cabana”, desvalorizando assim as características do imóvel em que a relação se desenvolve. Por outro lado, diz que “quem casa quer casa”, sendo que o imóvel aparece aqui numa designação mais sólida, fazendo o acto de casar uma subida naquilo que os ingleses chamam de escada da propriedade. Depois, uma página da net prendeu a minha atenção: “Mais que um lar, um legado de amor!”. Isso mesmo, a página de uma agência de corretores, prometendo vender legados de amor. E assim, o imóvel, que já vimos corporizar a paixão trágica dos amores de Carlos e Eduarda, a luxúria de Emma ou o amor divino de Mateus, passa a ter uma dimensão mais afectiva, de transmissão de amor para as gerações vindouras. Amor rima com Valor. Parece que é apenas de hoje a preocupação de transmitirmos um imóvel em bom estado, cujo valor represente o amor que temos por aqueles que nos sucedem, mas tal não é verdade. A preocupação dessa transmissão é fortemente enraizada na nossa cultura; apenas que antes estava circunscrita aos imóveis particulares e hoje se começa a ganhar consciência sobre os espaços exteriores ao meu imóvel, que unem

aos outros, seres e imóveis, e que no seu conjunto formam a Terra.

Mas, qual o valor que o amor transmite? O que hoje construímos com afincos, para transmitir como prova do nosso amor, está prenhe dos valores que hoje temos e que queremos que os futuros guardem. Os campos com mina de água, os pinhais, que alguns felizardos (?) receberam dos seus avós representam valores passados, como passados serão os valores dos imóveis que hoje vamos criando e acumulando, nessa tentativa de deixar uma forma resistente ao tempo de transmitir o nosso amor. Uma prenda quando se dá... deve representar o gosto de quem a dá ou de quem a vai receber?

É esse sentimento de perenidade que o imobiliário encerra que o transforma num mercado de investimento que incorpora uma maior dose de emoção que os outros investimentos. Afinal, um imóvel é um espaço em que eu posso amar e, depois de usar como ponto de apoio, transmitir como legado de amor! Que título de qualquer valor mobiliário, que metal precioso, que moeda internética permite o mesmo?



**Vitor Reis**  
Director da ESAI



## AI O CAROÇO! A TOMATADA

### Introdução:

Os últimos anos trouxeram para a ribalta a cozinha *gourmet*, com todas aquelas palavras cheias de sabor no falar, onde é tudo feito ora ao vapor, ora a baixa temperatura - e quase tudo é apresentado em camas das mais variadas espécies. A gente chega a duvidar se é uma receita ou um manual de instruções de uma grande superfície de móveis.

É também muito comum ouvir a frase feita “cozinhar é um acto de amor pelo próximo”.

Bom, aqui no nosso Campo não estamos cá com moengas dessas. Acima de tudo, o Alentejo tem dos melhores tomates e os meus estão no sítio, frescos, saborosos e carnudos, na minha horta. Muitos dos outros produtos hortícolas vêm do mesmo canteiro. Aqui por estes Campos abertos, onde o céu e a terra se tocam, o acto de amor acontece também quando nos sentamos à mesa uns com os outros para petiscar os pratos mais simples que herdámos dos nossos antepassados, e onde volta e meia há uma garganta que solta o cante. E como diz o meu amigo Castor, o rouxinol canta melhor de bico molhado. Depois há magia.

A tomatada, um acompanhamento que tanto tem de simples como de saboroso, é um desses pratos.

### Ah, façam lá isto:

Primeiramente é feito um refogado com cebola e alho, que levamos a ‘aloirar’ em Azeite, com A grande, o verdadeiro, o puro, sem misturas e sem esquecer uma folhinha de ‘sobrasempre’, a que os urbanos chamam de louro. Acrescentamos uns pedacinhos de presunto do tamanho de joaninhas, os tais tomates agora famosos, sal, e, por fim, os ‘pêdos’ - vulgo ovos de galinha do campo. Mistura-se tudo e eis que temos uma bela tomatada.

Se tentaram fazer e saiu uma boa murraça, joguem tudo fora. Venham até ao Campo do Caroço (quando abrimos) c’á gente ajuda a entender como se faz. Fica em Albernoa, porra.

### Martinho Pereira

